

BREVE EDITORIAL

Numa parceria entre a revista arqa e a Área de Arte e Arquitetura de Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura, os dois últimos e este número da revista integraram um Dossier relativo àquela área de programação. Estes Dossiers tiveram minha responsabilidade editorial enquanto programadora, e receberam contributos dos comissários de alguns dos projetos em curso. Dado o espaço editorial contemplado neste Dossier, a escolha destes projetos não pôde, por razões óbvias, ser abrangente. Foi feita tendo em conta uma representatividade dos quatro Ciclos do Programa, “Sobre Audiências”, “Modos de Produção”, “Escalas e Territórios” e “Novas Linguagens e Espaço Público”, que permitisse a presença de alguns projetos já realizados ou em agenda, e revelar projetos futuros. O seu próximo número, cuja responsabilidade editorial ficará a cargo da Revista arqa, será inteiramente dedicado à Programação que dirigi e cuja concretização, em tempos tão difíceis para a produção cultural, tem cumprido em larga medida os seus pressupostos e fundamentos.

Aos comissários e artistas agradeço os contributos tanto de conteúdos críticos, informativos e visuais, como das cruciais trocas de ideias e diálogos. À arqa agradeço o espaço disponibilizado e a confiança sempre demonstrada.

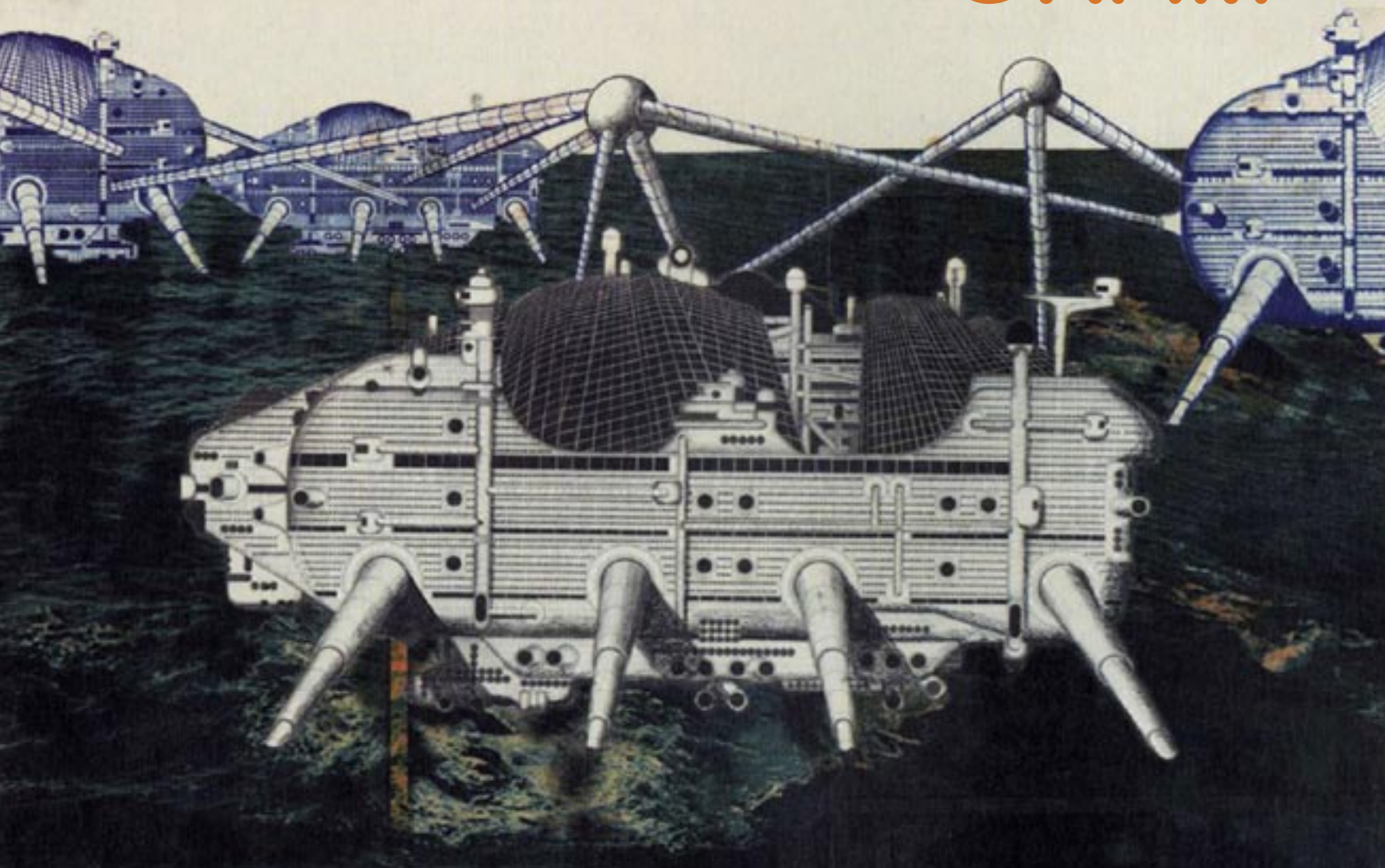
Gabriela Vaz-Pinheiro, Setembro 2012

ARC HI GRAM

SOB O SIGNO DOS

The Archigram Archives, Ron Herron, “Walking City”, 1964.

Texto de Pedro Jordão



SOB O SIGNO DOS ARCHIGRAM

Projeto com Curadoria de Pedro Jordão, com Dennis Crompton

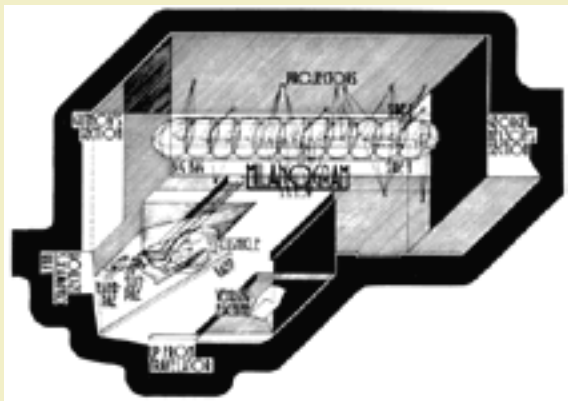
EXPOSIÇÃO

No centro deste programa, um convite irrecusável: “*Archigram – Experimental Architecture 1961-1974*”, exposição concebida pelos próprios **The Archigram Archives** que traça uma extensa retrospectiva daquele que foi um dos mais marcantes coletivos da história da arquitetura contemporânea, questionando e desconcertando a cidade, a relação entre arquitetura e tecnologia e entre tecnologia e corpo, e fazendo-o de modo radical, incluindo na forma, permanecendo até hoje inconfundível o universo visual dos Archigram. Tendo sido sempre um território que valorizava claramente mais a pergunta do que a resposta, e rasgando caminhos verdadeiramente multidisciplinares, não surpreende que a obra dos Archigram tenha perpetuado até hoje a sua influência onde ela é menos visível e mais decisiva – não nas formas mas nas ideias que as formas traduzem.

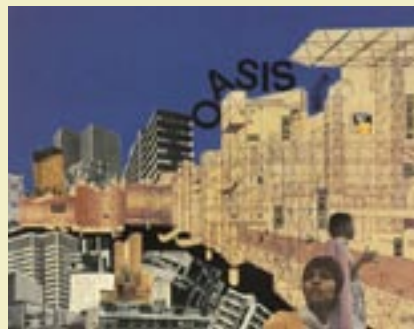
Veículo ideal para a discussão sobre as novas realidades urbanas e sobre a arquitetura na sua dimensão mais experimental, discutindo metodologias, afetando percepções e comportando sempre uma ideia de futuro, a obra que aqui se expõe – num conjunto avassalador de desenhos e maquetes originais, material multimédia ou exemplares das célebres publicações com que os Archigram provocaram o tecido académico da altura – é o ponto de partida para uma verdadeira viagem por um dos mais extraordinários processos de reflexão que a arquitetura já conheceu sobre os seus próprios fundamentos e limites. E daí ser um percurso sobre possibilidades e não sobre a construção de um novo futuro. Daí apontar-se a uma arquitetura e a processos nómadas, adaptáveis, episódicos e tantas vezes refundadores. Passados mais de quarenta anos desde a separação do grupo, os Archigram continuam a lembrar-nos da função incendiária da arquitetura. É o que aqui se celebra.

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL

Aproveitando a oportunidade para aprofundar a reflexão que a obra dos Archigram inevitavelmente desperta sobre alguns dos temas nucleares da própria arquitetura e cuja discussão será provavelmente inesgotável, o Laboratório de Curadoria, na Fábrica ASA receberá em Novembro uma conferência internacional (com programação a divulgar em breve) que contará com a participação de elementos dos Archigram e se organizará à volta de dois módulos: “cidade e utopia” e “espaço e corpo”. A entrada será livre.



The Archigram Archives, Peter Cook, “*Milanogram*”, 1968.



The Archigram Archives, Ron Herron, “*The Oasis*”, 1968.

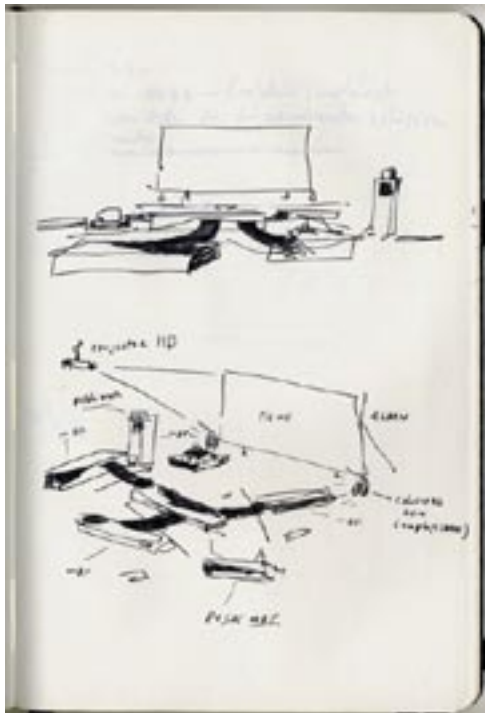
WORKSHOP – AAVS

Em associação com a **AAVS, Architectural Association Visiting School** e contando com a colaboração da **Universidade do Minho, Escola de Arquitetura / Instituto do Design**, o programa inclui ainda o workshop “*Reinventing Modes of Production*”, dirigido pelos arquitetos portugueses e investigadores da AA Emanuel de Sousa e Francisca Aroso. O título denuncia o propósito – procura-se aqui refletir sobre “os modos contemporâneos de produção”, e em sintonia com os pressupostos que descrevem o Ciclo em que este projeto se integra, refletir sobre “as mudanças profundas que através destes são operadas na maneira como a arquitetura e as disciplinas criativas se relacionam e se posicionam na arte e no sistema cultural”¹, num momento em que os modos de produção são cada vez mais desafiados por processos de design computacional, fabricação digital e processos de construção que materializam componentes construtivos diferenciados e flexíveis com a mesma facilidade como que se produzem os tradicionais componentes padronizados.

Abordando o contexto imediato de Guimarães, a **AAVS Guimarães** fará a sua abordagem crítica ao tema através da conceção, fabricação e montagem de uma série de intervenções arquitetónicas à escala 1:1 em espaços públicos do município de Guimarães, ligando as potencialidades do design e fabricação computacional com materiais locais e técnicas de construção tradicionais. Terá ainda lugar um Simpósio internacional de um dia sobre modos contemporâneos de produção, e uma macro-exposição urbana com a duração de um mês. Decorrendo de **27 de Outubro a 4 de Novembro no Instituto do Design**, o workshop é aberto a estudantes ou recém-licenciados de arquitetura, arte e design, arquitetos, artistas, designers e outros profissionais.

(*Archigram, Experimental Architecture 1961-1974*, exposição patente de 13 de Outubro a 16 de Dezembro de 2012 na Sala de Exposições do Palácio Vila Flor. Várias atividades em outros locais. Para mais informações sobre a Exposição e Conferência consultar a programação no site Guimarães 2012 ou através do email art.architecture@guimaraes2012.pt. Para informações sobre a AAVS consultar: www.aaschool.ac.uk/study/visiting ou pelo email visitingschool@aaschool.ac.uk)

¹ Do texto descritivo do Programa de Arte e Arquitetura, Ciclo Modos de Produção, Programadora Gabriela Vaz-Pinheiro.



Vasco Barata, "Os Nossos Ossos: Ariadne",
página de caderno de esboços.



Ângela Ferreira, "Fábrica Colapsável",
um dos desenhos preparatórios.



RASTILHO, notas de processo
dos encontros de trabalho.

ReaKt

Texto de Gabriela Vaz-Pinheiro

Olhares e Processos, algumas notas prévias

O projeto ReaKt – Olhares e Processos cumpre no Programa de Arte e Arquitetura de Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura dois dos seus propósitos programáticos mais importantes: permitir abrir a noção de processo a um acesso que complemente o contacto do público com os objetos artísticos finalizados, e, em segundo lugar, trazer a Guimarães um número considerável de artistas que, através de diferentes modelos de residência artística, abordem o contexto e trabalhem a partir dele.

Neste pequeno texto, proponho-me, enquanto curadora deste projeto, apresentar dois aspetos, de forma necessariamente curta, que por um lado permitam extrapolar o sentido denotativo da palavra processo aplicado ao projeto ReaKt - Olhares e Processos; e por outro procurem examinar o que a noção de contexto pode acrescentar ao processo artístico tal como gostaria de o deixar designado: uma *praxis* múltiplice.

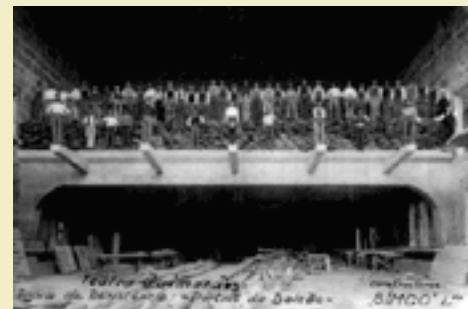
O ciclo Modos de Produção, em que este projeto se insere, procurou gerar situações que debatessem ou investigassem os modos de produção contemporâneos e a forma como estes alteraram profundamente as relações entre as disciplinas artísticas e criativas e o seu posicionamento no sistema da arte e da cultura. Este ciclo pretendeu abordar criticamente estes relacionamentos, discutindo as práticas artística e arquitetónica entre si e no confronto crítico com outras áreas da produção contemporânea.

Neste sentido, a interrogação tanto da processualidade tradicionalmente intrínseca a cada disciplina, como dos seus próprios limites e pressupostos, adquire uma importância e dinâmica incontornáveis, ainda que nem processo nem objeto sejam mutuamente preteridos ou valorizados, mas antes sejam as relações entre si e com a realidade cultural que os enquadra reavaliadas no próprio fazer. Subsequentemente a esta interrogação, e re-pensando a noção de *situation* a partir de Claire Doherty ou as novas noções de contexto a partir de Mion Kwon, este projeto reage tanto à paisagem cultural, como às dinâmicas que nela se inscrevem, e pretende contribuir para uma discussão sobre o impacto crítico da produção artística na formação de um sentido para a arte e para a produção cultural no momento e contexturas atuais, seja numa dimensão local ou global, intenção que se inscreve programaticamente e que partilha com outros projetos e outros atores.

ReaKt solicitou aos artistas que repensassem alguns dos seus processos artísticos em função do que encontraram nas suas estadias no Concelho, focalizando processos de trabalho sobre áreas específicas e abordando o contexto a partir de um ângulo à sua escolha com vista a ser produzida uma confrontação de abordagens disciplinares sobre a própria ideia de contexto, da transferência de significado, das possibilidades de posicionar a prática artística no mundo contemporâneo.



Alfredo Jaar, "Cultura=Capital", desenho para painel de exterior.



Pedro Barateiro, "Prova de Resistência", postal antigo encontrado.



Raqs Media Collective, "The Fruits of Labor", montagem digital, estudo preparatório.



Carlos Bunga, "Hematoma", uma imagem do processo de construção do artista.

A escolha do conjunto de artistas convidados para este projeto baseou-se, para além naturalmente da relevância da sua obra na arte atual, no pressuposto de que o seu envolvimento com o contexto de Guimarães permitiria um cruzamento de experiências e traria olhares geográfica e culturalmente díspares, produzindo obras capazes de transcender a especificidade contextual da sua produção.

Alfredo Jaar (1956, Chile, reside em NY) partiu do binómio cunhado por Beuys "*kunst = kapital*", abarcando a ideia de cultura e reformulando esta sua obra numa nova língua, português, num novo contexto, o da Capital da Cultura, e numa nova forma de produção, servindo-se do têxtil de pequena indústria local. O jogo de palavras "**CULTURA=CAPITAL**" adquire uma pertinência muito particular, relevando a importância da produção de cultura para a produção de valor. A obra de **Carlos Bunga** (1976, Portugal, reside em Barcelona), que gera formações que são como uma metarquitectura, responde habitualmente ao espaço de que parte, e, de uma forma profundamente processual, a fragilidade material das suas construções evoca uma precaridade iminente da condição humana. A sua obra referencia a arquitetura e as instituições que nela, e através dela, se fazem representar. Neste contexto, com a obra intitulada "**Hematoma**", pela primeira vez o artista trabalha fora da instituição museológica, intervindo numa praça pública coberta.

Na tradição dos artistas que utilizam o espaço público e os suportes e linguagens habitualmente atribuídos à mensagem publicitária, como Barbara Kruger ou Jenny Holzer, **Emese Benczúr** (1969, Hungria, reside em Budapeste), neste projeto, estabelece uma ligação ao legado patrimonial de Guimarães. A obra "**Nem Tudo é Eterno**" produz uma mensagem, parcialmente intermitente, que referencia a noção do transitório e, ao mesmo tempo, expõe a quimera de representação e imutabilidade associada aos discursos da (H)istória.

Lee Mingwei (1964, Taiwan, reside em NY), artista nascido na Ilha Formosa, utiliza neste projeto intitulado "**Remendos / The Mending Project**" elementos materiais e ações muito simples como pontos de partida para refletir sobre as relações humanas e a continuidade da vida material. O projeto, reformulado neste novo contexto geográfico, converte objetos banais de afeto em itens de valor e coleção, assim inserindo-os no sistema da arte.

Em "**Open Cinema**", **Marysia Lewandowska** (1955, Polónia, reside em Londres) e **Colin Fournier** (1944, Reino Unido, reside em Londres) investigaram a cultura cinéfila de Guimarães procurando também estabelecer uma ligação ao contexto fabril do Concelho. A parceria entre a artista e o arquiteto resultou num projeto com duas vertentes mutuamente implicadas: um processo investigativo sobre o Cineclube de Guimarães associada a uma componente participativa que envolve trabalhadores de fábricas em laboração, e a construção de um espaço de projeção temporário no centro da cidade. Em "**Prova de Resistência**", o artista **Pedro Barateiro** (1979, Portugal, reside em Lisboa), partindo de uma antiga fotografia que regista um momento da construção do Teatro Jordão, revisita temas e situações que são recorrentes no seu trabalho, como a despoletação de confrontos com o espetador, a criação de situações de cariz performático que se combinam com instalações de natureza expositiva e/ou material documental e publicações.

Ricardo Basbaum (1961, Brasil, reside no Rio de Janeiro) no projeto “**Re-Projetando (Guimarães)**” pretende relacionar a sua pesquisa de trabalho sobre as questões de mobilização coletiva e a ideia de “jogo político-participativo” na arte atual. Entre o *situacional* e o *instalativo* o projeto é composto por uma construção temporária de exterior e uma componente expositiva, acontecendo em vários momentos pela cidade em momentos de trabalho coletivo que formulam derivas e registros.

Ângela Ferreira (1958, Moçambique, reside em Lisboa), na sua linha de trabalho habitual em que os discursos dominantes, incluindo os de raiz modernista, artísticos, arquitetónicos e sociais são questionados, propõe uma “**Fábrica Colapsável**” que revisita a ideia da fábrica enquanto símbolo de prosperidade e dominação no mundo Ocidental, da Revolução Industrial ao Modernismo, ao período áureo da produção industrial em Portugal em larga medida coincidente com o seu passado colonial.

A artista **Carla Cruz** (1977, Portugal, reside em Londres) diz do seu projeto que pretende “explorar questões relacionadas com a desmobilização da produção industrial em Portugal, a precarização do trabalho e a consequente feminização da pobreza e a partir destas questões criar um gesto artístico coletivo.” Para tal formou o grupo **RASTILHO** a partir do coletivo ‘Tecer Outras Coisas’, sediado nas instalações da indústria têxtil Coelima – Pevidém, ao qual se juntaram outras mulheres maioritariamente com ligação à indústria têxtil do Vale do Ave.

Em “**Os Nossos Ossos: Ariadne**”, **Vasco Barata** (1974, Portugal, reside em Lisboa) pretendeu investigar e registar momentos e locais em transição mas também em que determinadas referências temporais, culturais e identitárias podem revelar “a relação da cidade com o país e o mundo”, concretizando a sua investigação num filme e várias peças tridimensionais a instalar na Fábrica ASA.

O coletivo **RAQS MEDIA COLLECTIVE** (**Jeebesh Bagchi**, 1965, **Monica Narula**, 1969, **Shuddhabrata Sengupta**, 1968; Índia, residem em Nova Deli) explora, na obra “**The Fruits of Labour**”, a ideia de “resto”, uma reformulação do *post-mortem* da indústria e do trabalho, e as conotações imaginativas e sensoriais que a frase “frutos do labor” pode gerar. Abordando o sentido de exaustão e desalento próprio do final do ciclo de vida de uma fábrica, os artistas

estabeleceram uma ligação entre uma chamada publicada num jornal de Faridabad, um subúrbio industrial de Delhi, incitando a que os trabalhadores mudassem as suas condições de vida plantando pomares em fábricas abandonadas; e os laranjais de “*Madame Bovary*” de Manoel de Oliveira.

Para além dos grupos de trabalho formados no âmbito de ReaKt, o conjunto de artistas e coletivos que dele fazem parte, atualizam e contextualizam investigação anterior, descobrem afinidades entre particularidades locais e práticas distantes, reagem ao que encontram para produzir obras novas, e que, embora realizadas a partir de um confronto com o concelho de Guimarães, possuem relevância para vivências culturais de outras geografias e sentido para o trabalho que desenvolvem com regularidade no panorama internacional. Os seus processos foram desafiados, a sua atenção à paisagem cultural do Concelho de Guimarães foi convocada, os resultados pretendem colocar possibilidades que debatam e releven a importância da arte e da cultura no mundo contemporâneo.

ReaKt - Olhares e Processos

Curadoria: Gabriela Vaz-Pinheiro

Alfredo Jaar, Ângela Ferreira, Carlos Bunga, Emese Benczúr, Marysia Lewandowska + Colin Fournier, Lee Mingwei, Pedro Barateiro, Raqs Media Collective, Rastilho, Ricardo Basbaum, Vasco Barata.

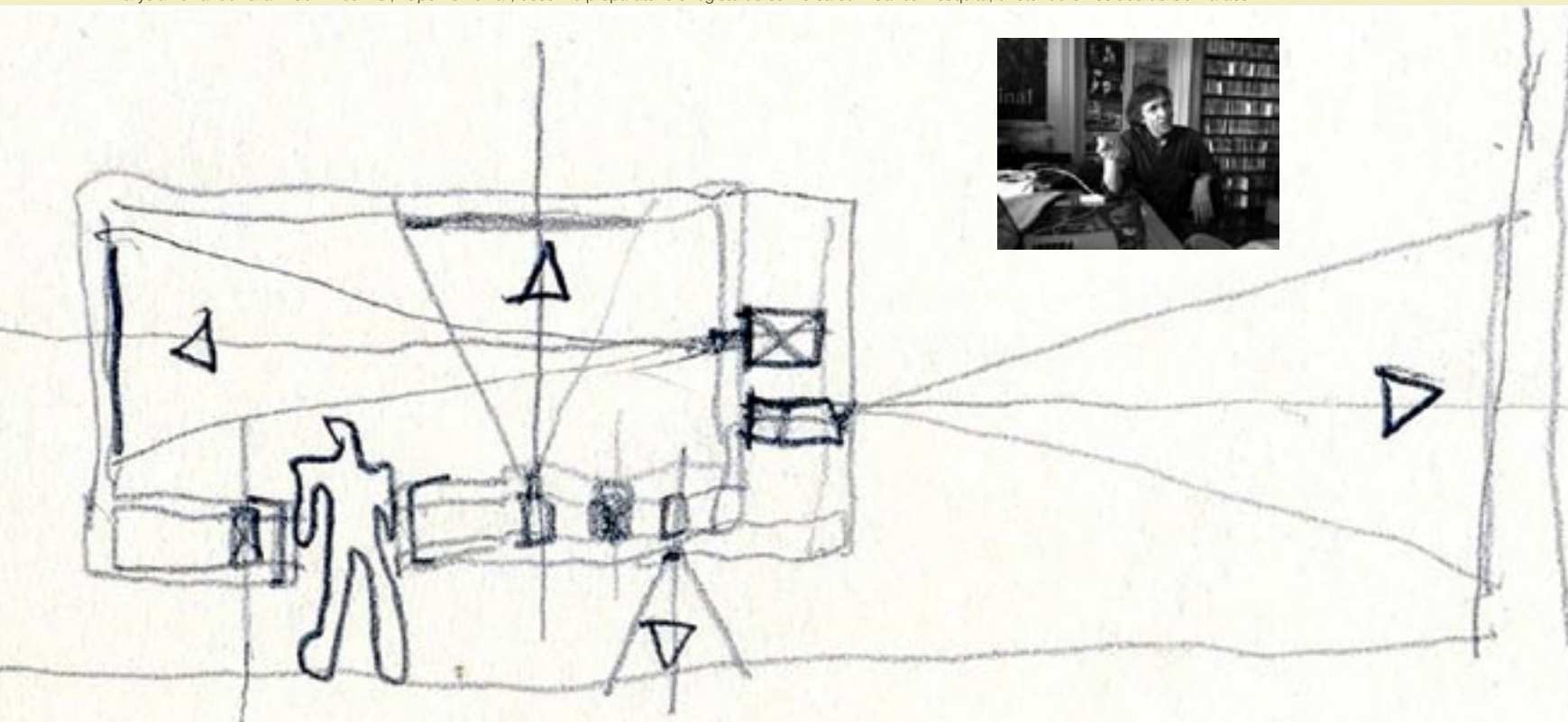
Vários locais de exterior e Fábrica ASA

Abertura 20 de Outubro de 2012

Lançamento do catálogo 8 de Dezembro de 2012

Encerramento 15 de Dezembro de 2012

Marysia Lewandowska + Colin Fournier, “*Open Cinema*”, desenho preparatório e registo de conversa com Carlos Mesquita, diretor do Cineclube de Guimarães.



Flatland (Redux)

Texto de Delfim Sardo

A pintura possui uma longa tradição, sendo a mais perene forma de produção de imagens. Com o surgimento da fotografia, a pintura transformou-se ao longo do século XIX e foi colocada sob fogo pelas vanguardas no século XX, tendo sucessivamente sido declarada a sua morte e ressurreição, a sua diluição no campo alargado da arte ou o seu carácter obsoleto. Poderíamos efetuar um mapa das preocupações que a pintura atravessa na segunda metade do século XX, possuída pela culpa da sua natureza transacionável (como exemplo maior da arte como mercadoria, processo demonizado pela utopia da imersão da arte na vida), assaltada pelo espectro da sua própria morte ou convertendo-se num permanente processo de luto.

Muitos artistas, no entanto, continuam a pintar e a alargar o campo e as possibilidades da pintura, partindo por vezes de tipologias clássicas da prática pictórica, como a paisagem ou o retrato, outras vezes expandindo a sua prática para a tridimensionalidade, encontrando um caminho entre a pintura, a escultura e a arquitetura.



Michael Biberstein, "Large Cluster", 2011. Vista da exposição.



Michael Biberstein, "From Red to Blue and Back Again", 2010. Pormenor. Vista da exposição.

Ángela de la Cruz (Espanha, 1965), João Queiroz (Portugal, 1957), Michael Biberstein (Suíça, 1948) e Michaël Borremans (Bélgica, 1963) são quatro artistas que possuem entendimentos muito diversos da prática e das possibilidades da pintura, encontrando ligações à história da arte, à sua biografia pessoal, lidando com a intensidade da experiência do espaço ou usando a ironia.

A exposição é sobre o eco estético que ressoa na produção pictórica destes quatro artistas que usam a pintura como um procedimento omnipresente no seu trabalho, em eixos de compreensão do seu uso e função muito diversos, em qualquer dos casos particularmente complexos mas intensos para o espectador.

O título desta exposição remete para duas referências: a primeira é *Flatland* (1884) de Edwin A. Abbott. Novela de crítica social ao universo hierarquizado da sociedade vitoriana oitocentista, é também um interessante estudo epistemológico sobre a possibilidade de conhecimento e uma metáfora para a inevitável bidimensionalidade da superfície pictórica, sempre em conflito com a moldura que a delimita.

Os artistas reunidos em *Flatland (Redux)* possuem diferentes formas de fazer o seu trabalho ressoar esteticamente entre a memória da história da pintura e a importância fenoménica da relação presencial, na certeza de que a nossa relação com as imagens não pode já (talvez nunca tenha podido) exercer-se *como-se-da-primeira-vez*, mas que essa utopia projetual é inseparável do sentido que, física, háptica, espacial e fenomenicamente as obras constroem.

Ángela de la Cruz (La Coruña, 1965; vive e trabalha em Londres)

O percurso de Ángela de la Cruz é sintomático das alterações de relação com a pintura dos últimos 20 anos. As pinturas de grandes telas monocromáticas violentamente quebradas, o uso de tela desengradada em obras de canto, na parede ou no chão, a acoplagem em esculturas de móveis (mesas, cadeiras, armários ou pianos), tanto são reveladores de uma consciência da história da pintura (e da escultura) desde o modernismo, como evocam a memória da tradição das vanguardas, como poeticamente tratam o quotidiano com um halo melancólico, outras vezes num fino limbo entre a comédia e a tragédia.

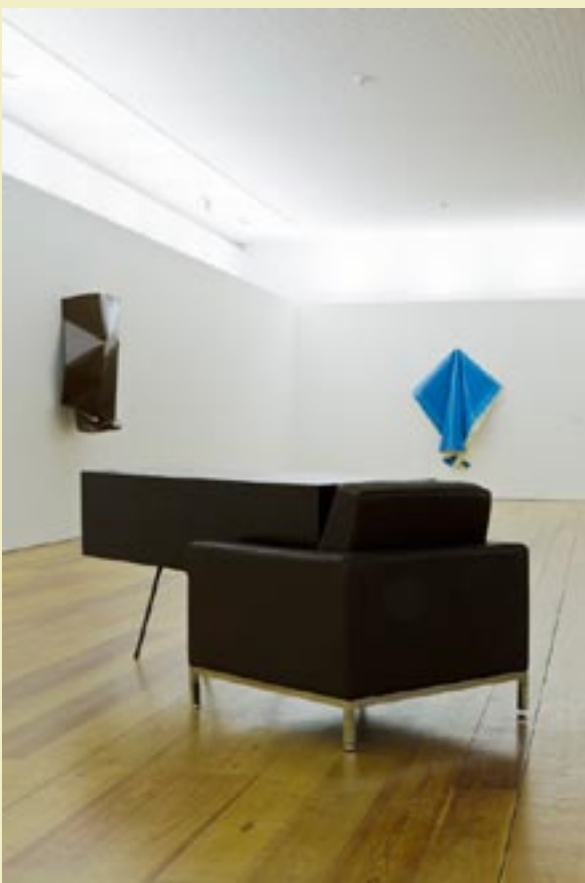
As obras de Ángela de la Cruz situam-se, portanto, num vértice no qual a atividade pictórica possui a sua força mais intensa: nem pela persistência da imagem de inspiração fotográfica, nem pela direta metáfora ou de remissão intra-artística, mas por um *realismo corporalizado* que se investe no espectador, uma espécie de vernacularidade que usa a violência, a antropomorfia e a teatralidade.

Michael Biberstein (Solothurn, 1948; vive e trabalha no Alandroal)

O percurso de Michael Biberstein iniciou-se com uma incursão por uma dimensão conceptual e analítica da prática da pintura para vir a desaguar numa obra que permanentemente reatualiza a questão da paisagem, transformada num campo exploratório sobre as possibilidades de imersão do espectador.

Na exposição *Flatland (Redux)*, Michael Biberstein apresenta duas pinturas recentes de grandes dimensões, uma delas lidando com a memória da paisagem, a outra de uma natureza mais “espacial”. A escala e proporção das pinturas lida de uma forma estranha e perturbadora com a escala da sala, construindo uma situação quase ambiental. Perdido em frente à pintura, caminhando ao longo da tela que permanentemente solicita a visão na periferia do campo visual, o espectador instaura a sua metodologia narrativa.

Em primeiro plano: Ángela de la Cruz, “Transfer with Armchair (Brown)”, 2010. Vista da exposição.



Ángela de la Cruz, “Deflated 19 (Torquoise)”, 2010. Vista da exposição.





Michaël Borremans, "Girl with Feathers", 2010.



Michaël Borremans, "Red Hand Green Hand", 2010.

Michaël Borremans (Ghent, 1963, vive e trabalha em Ghent)

O que define de forma mais marcante a obra de Borremans é o processo de criação de um universo obsoleto cuja impossível razão só pode radicar numa noção antiga de trabalho, claramente num sentido da sua vacuidade enquanto projeto – e, portanto, do caráter ancestral e barroco da sua apresentação. Porventura, existe uma continuidade de grotesco no eixo dos Países Baixos que constitui um particular *Ethos* radicado no corpo e na sua representação, não a partir da metamorfose, mas sobre a alteração do adereço, do gesto, da atitude e globalmente assente sobre o caráter subtil, débil e, por vezes, patético do pormenor – por vezes, como é o caso destas obras recentes que agora se apresentam, na total irrelevância, no risível do assunto. Tratado como um sintoma indecifrável de um sistema de representações, este processo, cuja razão nos é estranha, nunca produz a sua demonstração. Isto é, o “porquê” não encontra acolhimento, até porque a representação de personagens ou motivos irrisórios define um mundo, mas cujas regras só podem ser especulativas. De um *Ethos*, a obra de Borremans define um *Pathos*.

João Queiroz (Lisboa, 1957; vive e trabalha em Lisboa)

João Queiroz apresenta uma série de pinturas recentes nos vários suportes que tem usado.

A pintura não é um *medium* para João Queiroz, porque é uma prática testada em cada momento, um destino do trabalho artístico. O *medium* é a própria história da pintura, sempre usada em processos de distanciação e estranhamento.

Neste sentido, questão central da representação na obra de João Queiroz, não pode ser encaminhada para a questão do *quê* – esse *quê*, nós sabemos o que é, é a paisagem como tipologia de representação histórica no contexto da prática da pintura –, mas para a questão do *como*, que está implícito no problema da representação. O *como* é o centro do processo porque o *como* é o nó da sua questão representacional.



Em primeiro plano: João Queiroz, "Silvae", 2004. Vista da exposição.



Em primeiro plano: João Queiroz, Sem título, 2011. Vista da exposição.

Flatland (Redux), foi uma exposição com curadoria de Delfim Sardo e decorreu de 6 de junho a 16 de setembro na Sala de Exposições do Palácio Vila Flor. Catálogo disponível em breve pela INCM.